Setor sucroalcooleiro

VISÃO DE MÉDIO E LONGO PRAZOS

Plinio M. Nastari*

A SAFRA de cana-de-açúcar de 2014/15 encerrou, na região Centro-Sul, com uma moagem acima dos níveis estimados até outubro, com volume próximo a 570 milhões de toneladas. Somado ao volume esperado na região Norte-Nordeste, de 57,5 milhões de toneladas, o volume de cana processada pelo Brasil em 2014/15 deve ser de 627,5 milhões de toneladas, gerando uma oferta de açúcares totais recuperáveis (ATR) de 85,38 milhões de toneladas. Este número é próximo da oferta observada no ano anterior, de 86,35 milhões de toneladas. Embora a moagem de cana no ano passado na região Centro-Sul tenha atingido 596,94 milhões de toneladas, um volume razoavelmente maior do que o observado nesta última safra, a seca de 2014 concentrou o teor médio de açúcares na cana, além do ligeiro crescimento na moagem no Norte-Nordeste, que foi de 55,55 milhões de toneladas em 2013/14. A *performance* de moagem acima do que era estimado deveu-se à disponibilidade de cana bisada, que deixou de ser moída na safra anterior, e ao aumento de moagem nos demais estados da região Centro-Sul, exceto São Paulo.

Apesar de todas as dificuldades causadas pelo subsídio do Governo ao preço da gasolina, que penalizou o setor nos últimos seis anos e perdurou até o início de outubro, os produtores continuaram privilegiando a produção de etanol, um comportamento que já havia ocorrido em 2013. Na safra 2014/15, a produção de açúcar deve encerrar, em todo o Brasil, com um volume de 35,50 milhões de toneladas, bem abaixo do recorde observado em 2012/13, de 38,18 milhões de toneladas, e também inferior ao registrado no ano passado, de 37,57 milhões de toneladas. A produção de etanol será recorde em 2014/15, com um volume de 28,19 bilhões de litros, dos quais 12,26 bilhões de litros de etanol anidro e 15,93 bilhões de litros de etanol hidratado. O maior volume registrado anteriormente foi exatamente em 2013/14, com 27,50 bilhões de litros.

A percentagem dos açúcares totais direcionados para a produção de etanol (*mix*) no Brasil passou de 54,3%, em 2013/14, para 56,4%, em 2014/15, sendo que, na região Centro-Sul, em particular, passou de 54,8% para 56,9%. Quando se observa a mudança de *mix* no prazo de dois anos, vemos que passou de 49,7%, em 2012/13, para 56,4%, em 2014/15. Essa é uma mudança e tanto, pois, aplicando-se essa variação percentual à oferta de ATR, chegamos a 5,72 milhões de toneladas de ATR, equivalentes a 5,47 milhões de toneladas de açúcar a granel tipo VHP, o padrão comumente exportado pelos produtores brasileiros. Caso o *mix* tivesse se mantido no mesmo nível de dois anos atrás, a oferta de açúcar de origem brasileira teria sido, portanto, 5,47 milhões de toneladas maior. Em relação a dois anos atrás, a produção de etanol cresceu mais de 5 bilhões de litros, passando de 23,18 bilhões de litros para 28,19 bilhões.

Este aumento na produção de etanol ocorreu em resposta ao retorno da mistura de etanol anidro na gasolina, autorizada a voltar ao seu nível usual de 25,0% em volume (+/- 1%) a partir de maio de 2013, e que, agora, se pretende elevar a 27,5%. Esta mistura havia sido reduzida pelo governo federal para 20% em outubro de 2011, sem que houvesse uma justificativa real para isso. Na época, os produtores haviam se preparado para complementar a oferta doméstica com importações que seriam realizadas com lucro. A medida forçou a Petrobras a importar gasolina com prejuízo, além de ter obrigado os produtores a cancelar, com penalidades, as compras de etanol importado que seriam realizadas com lucro.

Nos últimos anos, o setor de açúcar e etanol suportou um ônus pesado, amargando o prejuízo causado pela perda de competitividade do etanol gerada pelo subsídio ao preço da gasolina, que, inclusive, passou a ser importada, contribuindo para o déficit de US$ 16 bilhões do fluxo de comércio de petróleo e derivados em 2014. Entre janeiro e setembro de 2014, a defasagem média do preço da gasolina, tendo como referência o seu preço

NÚMEROS DO SETOR SUCROALCOOLEIRO

	2012/13	2013/14	2014/15
	Produção		
Açúcar (milhão de toneladas)	38,18	37,57	35,50
Etanol anidro (bilhão de litros)	9,95	12,20	12,26
Etanol hidratado (bilhão de litros)	13,23	15,30	15,93
Etanol (bilhão de litros)	23,18	27,50	28,19
	Açucares totais direcionados à produção de etanol		
Brasil	49,70%	54,30%	56,40%
Centro-Sul	50,50%	54,80%	56,90%
Norte-Nordeste	42,30%	49,10%	50,50%

no mercado internacional, foi de 17,85%. A perda de renda anualizada advinda do subsídio ao preço da gasolina foi estimada pela DATAGRO em R$ 8,6 bilhões.

Além de subsidiar o preço da gasolina, o Governo também reduziu a zero o valor do tributo específico sobre combustíveis (a CIDE – Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico), que, no caso da gasolina, era de R$ 0,28 por litro. A partir de 2007, este tributo foi sendo gradualmente reduzido, até chegar a zero em junho de 2012. A perda de renda com a eliminação da CIDE é estimada em R$ 9,6 bilhões por ano. Esses valores ajudam a explicar o motivo pelo qual o endividamento do setor saltou de R$ 31,3 bilhões para mais de R$ 70 bilhões, desde 2009.

Até setembro, a perspectiva do setor indicava que, passadas as eleições, seria revertida a distorção de subsídio ao preço da gasolina e, com isso, haveria a retomada da competitividade do etanol, permitindo uma parcial recuperação de preço deste combustível, tanto nas bombas, quanto nas usinas. No entanto, a queda do preço do petróleo, passando de cerca de US$ 100 por barril, em julho, para níveis abaixo de US$ 50 por barril, com consequente queda do preço da gasolina, reverteu o quadro de subsídio. Na primeira quinzena de janeiro de 2015, o preço médio de realização da gasolina nas refinarias esteve 53,5% acima da sua referência internacional. A necessidade de controlar o déficit fiscal indica que o retorno da CIDE é uma das medidas em estudo pela nova equipe econômica. Ainda são incertos qual o nível de recuperação da CIDE e quanto dela será repassado para o preço ao consumidor. No entanto, independentemente de haver uma recuperação nos preços do etanol, é provável que os produtores brasileiros continuem privilegiando o etanol em detrimento do açúcar na safra 2015/16.

Os estoques mundiais continuam elevados, e o déficit para a safra mundial 2014/15 (outubro a setembro), estimado pela DATAGRO em 2,05 milhões de toneladas de açúcar cru equivalente, ainda é insuficiente para trazer a relação estoque/consumo a níveis mais confortáveis.



SHUTTERSTOCK

O esforço de controlar a produção de açúcar apostando as fichas no etanol deve somar-se a ações que visem controlar aumentos de produção em outros países baseados em subsídios que distorcem o mercado, como vem ocorrendo na Tailândia e na Índia, dois importantes competidores do Brasil. A Tailândia tem um ambicioso plano de reconversão de áreas de cultivo de arroz para cana e tem crescido sua produção e excedentes de forma consistente nos últimos anos. A Índia, recentemente, aprovou a elevação do subsídio à exportação de açúcar, passando de 3.300 rúpias a tonelada para 4.000, o que representa aproximadamente US$ 60.

No médio prazo, o ajuste do mercado deverá ocorrer não só nas safras mais alcooleiras no Brasil, mas também como resultado da queda no preço do açúcar no mercado mundial advinda da desvalorização do real sobre o dólar, em nível mais acelerado do que as moedas de outros grandes produtores mundiais. Ajudam também, nesse processo de saneamento, o fato de que estão paralisados investimentos em expansão de capacidade de moagem e o aumento no consumo mundial, que continua evoluindo à taxa de 2%, ou 3,5 milhões de toneladas, por ano.

Mais do que tudo, será preciso que o novo governo tenha uma visão de médio e longo prazos sobre o papel que o setor de açúcar e etanol já tem e que pode desempenhar no futuro para o mercado de combustíveis. Ajuda a formar uma visão construtiva o fato de que as montadoras de automóveis em todo o mundo buscam combustíveis de alta octanagem, afinados com motores de baixa cilindrada e altas taxas de compressão, inclusive com tecnologia turbo; que há uma busca e uma valorização crescente por combustíveis renováveis com baixa pegada de carbono; que há uma tendência cada vez maior na direção da criação de impostos sobre o carbono, com o objetivo de controlar o aquecimento global; e que a produção canavieira e a sua transformação em açúcar e etanol devem ser vistas, antes de tudo, como uma estratégia de desenvolvimento econômico descentralizado. O açúcar e o etanol produzidos no Brasil são cada vez menos uma ação do que eram denominados antigamente como "usineiros". O endividamento elevado, a sucessão de reveses, a captura e a transferência de valor do setor produtor para o consumidor, a entrada de grupos externos e a consolidação do setor mudaram radicalmente o setor nos últimos quarenta anos. O açúcar e o etanol produzidos no Brasil representam um patrimônio nacional que precisa ser preservado, inclusive em nível de capacitação tecnológica, que corre o risco de sucumbir caso não sejam tomadas medidas urgentes para recuperar os polos industriais de produção de bens de capital de Sertãozinho e Piracicaba. ■

* Mestre e doutor em Economia Agrícola e presidente da DATAGRO; foi professor dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (EAESP-FGV)